

Não, você não viu esse filme antes



Por **EUGÊNIO BUCCI***

Para entender o poder no Brasil, não adianta nada olhar para os EUA

Um velho editor de revistas, já falecido, costumava dizer que, se você quer saber o que vai acontecer com o mercado editorial no Brasil daqui a dez anos, basta olhar para o mercado dos Estados Unidos agora. Seguindo sua máxima, tomou decisões acertadas – errou algumas vezes, é verdade, mas acumulou um saldo para lá de positivo.

Quanto à política, o espelhamento diferido não dá certo. O que se passa na terra de Tio Sam hoje não se repetirá na Terra do Sol amanhã. Aqui, Deus e o diabo se engalfinham por outras vias. É fato que, de uns tempos para cá, a estupidez do trumpismo tem servido de *trailer* para a boçalidade bolsonarista, mas, neste caso, o que existe é mera imitação: os seguidores do presidente da República – este que aí ainda está, embora já não esteja – são apenas um plágio repugnante dos supremacistas brancos que invadiram o Capitólio, mais ou menos como as chanchadas da Atlântida eram uma paródia feliz do cinemão de Hollywood.

Isso posto, expliquemos. O mercado editorial brasileiro, especialmente na segunda metade do século XX, seguiu o modelo que dava certo em Nova York e adjacências: copiou o organograma das empresas, as soluções gráficas e até os manuais de estilo. Onde, se você precisa antecipar uma tendência ou outra do mercado editorial, vale a pena buscar exemplos nos Estados Unidos. Já no universo da política, é tudo diferente: a forma dos partidos de lá não se compara com a bagunça tropical, isso sem falar nas regras eleitorais, nas convicções religiosas de fundo, nas colorações do racismo, na cultura. Logo, para entender o poder no Brasil, não adianta nada olhar para lá.

Vale mais olhar para a Argentina

Calma, não vá se irritar. Não resolve nada deletar esse texto e mudar de assunto. Gostemos ou não, há mais de Buenos Aires em Brasília do que sonha a nossa petulância colonizada. Os *hermanos* tiveram peronismo lá, a gente teve getulismo aqui. Nós tivemos ditadura militar, eles também. Kirchnerismo lá, lulismo aqui. Sim, todo mundo sabe que são coisas distintas, *por supuesto*, mas, *Madre de Dios*, como são parecidas – são parecidas, sobretudo, quando contrastam.

Isso não significa que, olhando a cena política portenha, a gente vislumbre o que se vai dar conosco no futuro próximo. O que existe entre os dois países é uma identidade crispada, canhestra, que gera uma aderência geral por meio de traços que, isoladamente, se repelem. É como se fôssemos rascunhos invertidos uns dos outros – rascunhos que nunca chegaram a uma versão definitiva do que quer que fosse. Brasil e Argentina se irmanam pelo que discrepa, pelos opostos; acima de tudo, irmanam-se porque padecem de tormentos análogos (homólogos) que não se resolvem jamais.

Presentemente, muitos de nós, *brasileños*, temos visto com gosto o filme *Argentina, 1985* (disponível, por enquanto, na Amazon Prime). Dirigido por Santiago Mitre e estrelado por Ricardo Darín, o longa-metragem mostra o julgamento que, em 1985, condenou a cúpula das Forças Armadas por graves violações dos direitos humanos durante a ditadura (1976-1983). Crimes de sequestro, tortura, assassinato e ocultação (em massa) de cadáveres foram expostos e comprovados no tribunal.

a terra é redonda

Por mérito do acusador, o promotor público Julio Strassera (Darín), a Justiça mandou para a cadeia tiranos de alta patente, entre eles Rafael Videla. (Pouco tempo depois, em 1990, Videla foi posto em liberdade pelo presidente Menem, mas, em 1998, voltou a cumprir sua prisão perpétua. Morreu encarcerado em 2013.)

O filme é uma beleza. Ganhou o Prêmio da Crítica no Festival de Veneza e deve brilhar no Oscar do ano que vem. Com narrativa linear, a ponto de ser didática, segue o que os cinéfilos chamariam de “decupagem clássica”: tem começo, meio e fim, necessariamente nessa ordem. Os figurinos, os cenários e até os automóveis restauram vivamente o visual do ano em questão, tudo com naturalidade, sem afetações. Graças a uma produção meticulosa e mesmo obsessiva, a gente volta quatro décadas no tempo – e agradece.

Para o espectador brasileiro, porém, o ponto alto não são os esmeros plásticos, mas o sentido político da obra. O que dá liga é o contraste. Ao longo da sessão, a gente se pergunta sem parar: por que lá, na Argentina, eles puseram os comandantes da tortura atrás das grades e, aqui, a gente passou pano?

Certamente, há teorias diversas e pertinentes. “É que na Argentina o ponto de equilíbrio é outro”, disse certa vez um crítico literário de São Paulo. De fato, aqui existe uma tara considerável por acochambrar o inconciliável, por anistiar o inanistiável. No Brasil, parece que até o Estado, como se fosse pessoa física, é merecedor de perdões, de indultos e de tapinhas nas costas. A impunidade impera como a única receita de pacificação.

E agora? Qual a moral deste artigo aqui? Qual o caminho mais acertado: punir ou esquecer? Desgraçadamente, tanto faz. O pior de tudo é que dá na mesma. Os dois rascunhos, Brasil e Argentina, divergem quanto aos roteiros para se igualar no desfecho: no final, dão igualmente errado. Tudo termina mal, até quando recomeça.

**Eugênio Bucci é professor titular na Escola de Comunicações e Artes da USP. Autor, entre outros livros, de A superindústria do imaginário (Autêntica).*

Publicado originalmente no jornal [O Estado de S. Paulo](#).

**O site *A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.
[Clique aqui e veja como](#)**